



Retórica: o poder da linguagem em discussão no movimento sofista

Jéssica Girlaine Guimarães Leal¹, Eldio Pinto da Silva², Vitória Maria Berto da Silva³



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p5246-5267>

Artigo recebido em 18 de Agosto e publicado em 18 de Outubro de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Este trabalho pretende discutir sobre o movimento sofista e a linguagem dando importância a arte retórica como ferramenta de poder e, como tal, um instrumento de controle político na forma como essa arte era exercida e promovida. O artigo busca discutir sobre os sofistas e alguns filósofos e a forma como utilizavam a linguagem, suas contribuições e as principais críticas aos sofistas. Destaca-se que o jogo de linguagem é a marca dos sofistas para manutenção de poder, revelando que o movimento sofista discutia sobre uso da linguagem, em particular do uso da retórica e da argumentação, como forma de constituição do indivíduo em sociedade. Para tanto, faz necessário percorrer o contexto histórico-social vivenciado, a origem do movimento sofista e seus principais representantes - Górgias e Protágoras - bem como as concepções de linguagem adotadas. Desta forma, apoiamos-nos na literatura filosófica sobre o tema. Para isso fizemos uso de metodologia exploratório-argumentativa e análise bibliográfica. O referencial teórico abrange vários textos, principalmente o livro **Poder, persuasão e produção de verdade: a ação dos sofistas**, de Alice B. Haddad et al. (2018), Aristóteles (1964; 2007), Platão (2011), Cassin (2005), André A. Ribeiro (2006) e outras.

Palavras-chave: Sofistas. Linguagem. Retórica. Política. Poder.

¹ Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Professora na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. E-mail: jessica.leal@professor.ufcg.edu.br

² Professor de Teoria da Literatura e literaturas pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Doutor em Estudos da Linguagem (Literatura Comparada).

³ Coordenadora da Educação Básica na Prefeitura Municipal de Currais Novos. Aluna do curso de Mestrado em Educação da Universidad Santa Catarina (UNISCA).



Rhetoric: the power of language discussed in the Sophist movement

ABSTRACT

This paper aims to discuss the sophist movement and language, giving importance to rhetorical art as a tool of power and, as such, an instrument of political control in the way this art was exercised and promoted. The article seeks to discuss the sophists and some philosophers and the way they used language, their contributions and the main criticisms of the sophists. It is worth noting that the language game is the sophists' trademark for maintaining power, revealing that the sophist movement discussed the use of language, in particular the use of rhetoric and argumentation, as a way of constituting the individual in society. To this end, it is necessary to go through the historical-social context experienced, the origin of the sophist movement and its main representatives - Gorgias and Protagoras - as well as the concepts of language adopted. Thus, we rely on the philosophical literature on the subject. For this, we used an exploratory-argumentative methodology and bibliographical analysis. The theoretical framework covers several texts, mainly the book **Poder, persuasão e produção de verdade: a ação dos sofistas**, by Alice B. Haddad et al. (2018), Aristotle (1964; 2007), Plato (2011), Cassin (2005), André A. Ribeiro (2006) and others.

Keywords: Sophists. Language. Rhetoric. Politics. Power.

Instituição afiliada – UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIVERSIDAD SANTA CATARINA

Autor correspondente: Eldio Pinto da Silva eldio.pinto@ufersa.edu.br

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

Este trabalho busca responder a seguinte questão: De que modo a retórica reflete no poder da linguagem no movimento sofista? É importante conhecermos os sofistas ou pré-socráticos e a forma como utilizavam a linguagem, suas contribuições e as principais críticas tecidas a esse movimento. O jogo de linguagem é a marca dos sofistas para manutenção de poder. Desvendando um pouco sobre esse movimento depreenderemos sobre uso da linguagem, em particular da argumentação, como forma de constituição do indivíduo em sociedade. Ribeiro (2018, p. 13) explica:

A alcunha “pré-socráticos”, aplicada a uma pluralidade de veras complexa de pensadores, é evidentemente artificial, embora não seja também meramente arbitrária, e pertence ao jogo típico da ciência de deitar seus objetos fugidios no leito de Procrusto do conceito. Os primeiros filósofos da história a fazer um esboço de história da filosofia, Platão e Aristóteles, já pressentiam tanto a unidade daquela mixórdia formada pelos hoje chamados preferencialmente early greek philosophers, quanto a imparidade da figura de Sócrates, que acabou por servir de divisor de águas para o canônico título em questão, proposto por Hermann Diels na passagem do século XIX para o XX.

Para alavancarmos essa discussão faz-se necessário recorrermos a informações pregressas a esse movimento. Desde que o “mundo é mundo” as questões da linguagem e a nossa origem sempre nos inquietou, saber quem somos, de onde viemos, para onde vamos e o que estamos fazendo por aqui são algumas das questões que na filosofia, mas que até hoje, não há consenso. É nesse caminho em busca de responder a essas e várias outras questões que na antiguidade grega muitos mitos surgiram numa tentativa de explicar para si as coisas que até então não havia explicação.

O *mythos* palavra de origem grega significa narrativa e justamente nesse sentido narra os acontecimentos numa tentativa de explicar o mundo, partindo de divindades nas quais se acreditavam serem fontes de todo poder sobre o bem e o mal ao qual davam origem a todas as coisas. Mais adiante as mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais combinados foram dando abertura ao conhecimento filosófico, não como algo dissociado, mas concomitante as concepções mitológicas. No mito, o conhecimento se dava como algo advindo de forças sobrenaturais que vinha de cima para baixo, como diáspora, na filosofia o mundo e as coisas que nele há começam a serem explicadas de dentro para fora, partindo de elementos naturais.

A filosofia em sua etimologia significa o amor pelo saber, enaltecendo a investigação racional em busca do conhecimento. Os sofistas que levam em consideração



essa ideia do conhecimento (episteme) são conhecidos como filósofos da natureza (physis) ou pré-socráticos. Estes acreditavam que as coisas possuíam um elemento fundamental o *arché* do qual todas as coisas teriam se originado. Isso com passar do tempo exigiu novas respostas como o fluxo constante do mundo (devir) dando margem para questionar a realidade como estava posta.

Com o pensamento de Sócrates, entre os séculos V e IV a.C., surge a preocupação com o ser humano, abandonando-se as questões da natureza. Sócrates tinha como premissa que a prática da filosofia conduz a verdade. Este tece fortes críticas ao movimento anterior a ele conhecido como sofista ao qual discorreremos ao longo deste trabalho.

CONSTITUIÇÃO POLÍTICA E SOCIAL DA GRÉCIA ANTIGA

A atividade política tem suas origens na Grécia, aproximadamente no século VI a.C. Na época, a Grécia passava por várias mudanças, entre elas uma transição da concepção mítica para filosófica. A política se estruturava com base na Pólis, portanto, totalmente diferente da política tal qual conhecemos. As Pólis eram cidades-estados que se autogeriam e que foram precursoras na democracia. Segundo Oliveira (2013, p. 55):

De fato, pode-se dizer que o procedimento filosófico fundamental desenvolvido pela cosmo nomia pré-socrática consistiu em transpor para o plano da natureza a legalidade jurídica instaurada no seio da pólis, instituindo com isso uma perfeita correspondência entre as dimensões da phýsis e do nómos e desembocando, conseqüentemente, na concepção de uma legalidade cósmica e universal, entendida como fonte e fundamento último da legitimidade das normas humanas.

Os filósofos gregos valorizavam a atividade política compreendendo-a como parte inerente da vida do homem para uma vida boa e virtuosa. Para eles, a política era o ápice da realidade dos indivíduos, sendo um traço característico do homem-livre. O Governo da cidade, para eles, é o que havia de melhor, portanto, define a essência do homem. O regime político ateniense estava organizado em uma democracia, pela etimologia significa poder do povo, ou seja, poder de uma maioria. O poder em Atenas não era para os atenienses, mas para os cidadãos atenienses, que eram homens livres, adultos, de pais atenienses. Nesses moldes, apenas uma pequena porcentagem tinha direitos políticos, estavam excluídos da democracia mulheres, escravos, estrangeiros e jovens, logo podemos presumir que a liberdade não garantia cidadania. Em Atenas, o homem considerado livre dedica a vida à polis, com as diversas implicações que isso pode possuir.



Em “Astronomia, filosofia e Política segundo Platão”, Luisa Buarque (2018, p. 168) destaca:

Tucídides, por exemplo, assevera: “Somos [atenienses] os únicos a considerar aquele que em nada disso [dos negócios da cidade] participa como um cidadão, não tranquilo, mas inútil...”. Como assinala M. Souza e Silva a respeito dessa passagem: “Ao cidadão que se mantém alheio ao contencioso social, a opinião pública não gratifica com o epíteto elogioso de ‘pacífico ou despreocupado’; esse é, pelo contrário, o exemplo da inutilidade ou de uma espécie de parasitismo social.”.

A democracia ateniense dispunha de dois princípios básicos: direitos políticos para todos os cidadãos e a participação direta do povo no poder. Essa diferença se compararmos a democracia de Atenas com a atual que é representativa, ou seja, escolhemos representantes para levar as questões de interesse público, enquanto que na Grécia os próprios cidadãos levavam suas questões para o debate. Com a democracia, Atenas se tornou uma cidade dos debates e das discussões políticas públicas, os cidadãos debatiam os rumos da cidade nas Assembleias e nas Ágoras. As Ágoras eram espaços públicos destinados aos debates que davam vida à democracia como a discussão, a argumentação, a polêmica, etc. É nesse contexto de debate que emerge a retórica, com intuito de possibilitar aos cidadãos entrar na política, utilizando-se da técnica da oratória e da persuasão. Guthrie (1995, p. 51) salienta “Havia, como vimos, uma arte que todos os sofistas ensinavam, a saber, a retórica, e uma posição epistemológica de que todos partilhavam, a saber, um ceticismo segundo o qual o conhecimento só pode ser relativo ao sujeito que percebe”. Com isso os sofistas os auxiliavam a vencer por meio de uma argumentação impecável, qualquer ‘duelo’ jurídico sobre temas diversos.

SOFISTAS: GÓRGIAS E PROTÁGORAS

O termo “sofista” deriva do vocábulo latino *sophista* embora a sua origem etimológica mais distante resida na língua grega. Conhece-se como sofista o especialista em retórica que, na Antiga Grécia, se dedicava ao ensino do sentido das palavras. O conceito foi entendido de diversas formas ao longo da história. Muitas vezes, o sofista era considerado um sábio que, graças aos seus conhecimentos, podia educar pessoas. Os sofistas, neste sentido, aconselhavam nomeadamente os dirigentes e ensinavam-lhes como podiam influir na população. No Prefácio do livro **Poder, persuasão e produção de verdade: a ação dos sofistas**, Cristiane A. de Azevedo e Francisco Moraes (2018, p. 10) destacam:



A atuação dos sofistas alcança seu apogeu justamente naquele momento de maior efervescência cultural, econômica, política e intelectual que a Grécia viveu por volta do século V a.C., sobretudo em uma cidade em especial, Atenas. Era para lá que boa parte dos sofistas se dirigia. Considerados então educadores, os sofistas iam para ensinar a arte da palavra aos jovens cidadãos que iniciavam sua vida de participação política na cidade, tarefa de extrema importância em uma sociedade na qual a participação na ágora para exposição e defesa de seus pontos de vista se fazia uma exigência para todo cidadão.

Os sofistas abriram espaço para o surgimento da escola sofística, sendo marcada pela transição na forma de interpretar e pensar da sociedade grega, a educação neste período era restringida aos cidadãos atenienses. A cosmologia neste momento já não era mais tão emergente e o sistema de governo vigente era democrático. Os sofistas eram pessoas que dominavam a arte da retórica e se propunham a ensinar qualquer coisa a qualquer pessoa, desde que a mesma possuísse condições para pagar as taxas pelos serviços prestados, eram professores itinerantes e sua principal atividade laboral era o ensino de técnicas de persuasão e retórica. Azevedo e Moraes (2018, p. 10) acrescentam que os sofistas:

[...] foram acusados de relativistas, de não se importarem com a verdade, de quererem somente “vencer” nas disputas através da palavra, de não terem pensamento próprio. De uma maneira geral, é essa a ideia que temos dos sofistas. Os sofistas pertencem a um contexto democrático, no qual o uso da palavra se confunde com o exercício do poder. De modo geral, as desconfianças que nutrimos em relação aos sofistas são as mesmas que também alimentamos em relação ao regime democrático. Por vezes, ainda hoje, ouvimos discursos que pretendem combater a democracia apelando para a suposta presença da manipulação e da desordem nesse regime.

A arte da persuasão era sua especialidade e como tal o fazia com bastante esmero, eram mestres no convencimento com notório prestígio social. Alice B. Haddad (2018, p. 32) salienta que os sofistas: “[...] ensinavam, dentre outros saberes, técnicas para o sucesso nas arenas políticas, instruindo grupos de jovens em oratória, argumentação, enfim, na arte da persuasão. Isso só seria possível numa cidade [...], de pagantes desejoso de aprender eloquência”.

Os sofistas viam o homem como espelho da realidade. Seus ensinamentos assumiram uma abordagem relativista. Nesta concepção o interesse se volta para o ser que sente, pensa, deseja e pelo seu bem-estar, o que sugere uma posição relativista uma vez que nestes estados de coisas prevalece a subjetividade.

As ideias sofistas partem de um ideal onde não existem normas nem verdades universalmente válidas, isto é, não há verdade nem erro, e as normas são transitórias. Suas



concepções éticas são relativistas ou subjetivistas. Entre os mais importantes sofistas estão Protágoras e Górgias, os quais veremos a seguir.

Nascido em Abdera por volta de 481 a.C., Protágoras, cuja produção filosófica situa-se por volta de 444-440 a. C., viajou por quase todas as cidades da Grécia, foi a Atenas, foi acusado de impiedade ou de ateísmo (pois afirmava que os deuses e a religião existiam por convenção). Fugiu. Morreu aproximadamente aos 70 anos, portanto, em 411 a.C., durante um naufrágio.

Protágoras foi precursor da retórica ateniense. Ele demonstrava uma preocupação pela correção da linguagem tanto no nível do discurso quanto da palavra. Tinha como princípio básico a ideia de que o homem é a medida de todas as coisas. Para ele, o mundo é aquilo que cada indivíduo consegue perceber que é. Este também afirma que sobre qualquer tema se podem manter com igual valor duas teses contrárias. (Ribeiro, 2006 *apud* Sêneca, Epístola 88, 43). Ainda sobre isso ele aponta que em torno de cada questão existem dois discursos opostos reciprocamente. (Ribeiro, 2006 *apud* Diógenes Laércio, IX, 51). No *Teeteto*, Protágoras defende o poder da retórica em convencer as pessoas sobre qualquer assunto e modificar suas percepções apenas usando o discurso.

Como sofista, Protágoras, no diálogo com seu nome, aparece como defensor da democracia, sendo que o *Teeteto*, dedica-se em explicitar de sua tese do homem-medida. Quando destaca o mito de Prometeu, Protágoras abre o diálogo narrando a impossibilidade da sobrevivência do homem sem o contato com a política. Em “Experientes, mas vagabundos: investigação em torno da dita errância dos sofistas”, Alice B. Haddad (2018, p. 34) faz menção ao diálogo:

Zeus, quando percebe que os homens perecem mesmo munidos das artes de Atena e Hefesto e do fogo, roubados e entregues por Prometeu, que lhes permitem a caça, a construção, o vestuário etc., pede para Hermes enviar-lhes o respeito e a justiça (*aidós* e *díke*, 322c), condições sem as quais não há harmonia nem elos de amizade nas cidades. Respeito e justiça são distribuídos por toda a raça humana e Zeus estabelece uma lei de punir com a morte o homem incapaz de deles tomar parte, como se fosse uma doença a ser extirpada da cidade. Nesse sentido, os assuntos relativos ao respeito ou à justiça, comuns à política, são em alguma medida sabidos por ou familiares a todos os homens, o que faz com que ferreiros e sapateiros sejam igualmente ouvidos sobre a política.

No *Teeteto*, o mito ganha outra aparência com a justificativa de que a fala democrática ocorre de uma forma mais agressiva e mais difícil de rebater: como uma doutrina secreta ensinada apenas aos seus alunos, cuja tese principal é a de que nada é, nada é em si, nada pode ser nomeado ou qualificado com correção. Alice B. Haddad (2018, p. 34) explica:



Trata-se do fluxismo, também atribuído a Heráclito, Empédocles, Epicarmo e Homero. Nada é realmente, mas a percepção é de coisas que parecem ser, que parecem determinadas e às quais damos nomes. Como tudo está em movimento, inclusive nós (isso que chamamos de nós), é no encontro, no choque do que há no fluxo conosco, que surge a percepção, a percepção enquanto ato de perceber e a percepção enquanto conteúdo percebido. Isso significa que a percepção é individual e singular, produto de encontro que não se repetirá, pois tudo é outro e outro sempre, *nós* somos outros e outros sempre. Daí que uma nova concepção de verdade precise ser formulada. Não faz sentido algum eu ser o juiz da percepção do outro, afirmar “isso que você diz não corresponde à realidade”. Não há realidade para além do mundo percebido, apenas movimento, fluxo impossível de captar.

Observe na situação abordada por Haddad que, para Protágoras, não há um único mundo, ou seja, há infinitos mundos. Em decorrência a tese de Protágoras de que infinitos mundos podem ser percebidos, infinitas versões podem gerar diferentes perspectivas. É importante destacar que Protágoras diz que a percepção do falante sobre a verdade perde seu caráter balizador. O discurso do falante como verdadeiro não é um discurso falso, mas sim outro discurso verdadeiro. Em “**A verdade de Protágoras**”. Francisco Moraes salienta:

[...] posição de Protágoras faz com que tenhamos de nos restringir ao espaço do que podemos testemunhar, sem pretender impor o que testemunhamos para além do que é manifesto a um testemunhar em conjunto. Aqui entendemos em que sentido a não percepção está sendo privilegiada. Perceber seria assim o mesmo que respeitar o não perceber. O perceber encontra a sua legitimidade e soberania no respeito ao não perceber. Esta seria a *verdade* de Protágoras, seu estrito fenomenismo.

Enfim, Protágoras diz que não é incontroverso testemunhar sem impor ao que falamos. O que está ausente não testemunha o que não tem como perceber, simplesmente não há como testemunhar um evento ausente. Com isso, não se pode esperar que alguém se resigne em aceitar como incontroversa a posição ou opinião de quem esteve ou está presente. Acrescente que Protágoras propôs a transformação do homem em ser de aparência. A verdade seria um fenomenismo que se revela peculiar e não se trata de relativizar o sentido das coisas em falsas e verdadeiras, ou seja, o fenomenismo apontado por Protágoras acarreta em colocar o homem no ambiente restrito, privado de suas impressões individuais.

Górgias (483-375 a. C.) veio para a Grécia de Leontini, na Sicília. Pouco se sabe de sua vida antes de chegar a Atenas, em 427 a. C., como embaixador político em busca de assistência militar contra Siracusa, cidade-estado da Sicília. Segundo Alice B. Haddad (2018, p. 30):

A começar por Górgias, sua fama era de que não fixava residência em nenhuma cidade, não gastando, por isso, com bens públicos nem sendo obrigado a



contribuir com a taxa de propriedade (ISÓCRATES, *Antídosis*, 15, 156). A vinda do leontino a Atenas é atestada pelo próprio Platão, no *Hípias Maior* (282b-c), e a fala de Sócrates parece sarcástica e talvez um bom indício para se entender o olhar platônico sobre as viagens dos sofistas.

Górgias fez uma série de discursos que deslumbraram o público ateniense e lhe renderam fama e admiração. Após a conclusão de sua missão, ele viajou por toda a Grécia como professor de retórica e como orador e, de acordo com Aristóteles, falou nos festivais pan-helênicos⁴. Em “As intenções propositivas do *não-ser* de Górgias”, Gabriel Moraes Dias retrata:

[...] no *Tratado do não-ser ou da natureza*, atribuído a Górgias de Leontinos. Para traçarmos nossas reflexões com maior clareza, no entanto, abordaremos três pontos específicos: (i) o *Tratado* e sua transmissão; (ii) o *Tratado* e suas intenções propositivas; (iii) o *Tratado* e o emprego do verbo grego *eînai* (ser). Posto isso, resta-nos destacar que nossa preocupação, aqui, é explorar os graus relacionais entre realidade, cognição e linguagem, sob perspectiva gorgiana *meontológica*. Dirigimo-nos então ao primeiro ponto de que falamos.

Górgias iniciou a prática da oratória extemporânea, e teve a audácia de "sugerir um assunto, sendo o primeiro a se proclamar disposto a aceitar a chance, mostrando aparentemente que ele sabia de tudo e confiaria no momento de falar sobre qualquer assunto. Em seus estudos sobre os sofistas, Cassin aborda a relação entre as ideias filosóficas e o senso comum sofreram muitas mudanças e que Górgias teve importante contribuição no período em que viveu na Grécia Antiga. Segundo Cassin (2005, p. 537-538), Górgias afirmou:

Que a persuasão, que adentra o discurso, imprime também na alma as marcas do que bem quiser, é necessário tornar-se consciente, a princípio, com o discurso daqueles que falam do céu, daqueles que, opinião contra opinião, eliminando uma, desenvolvendo outra, fazem com que coisas incríveis e invisíveis brilhem aos olhos da opinião; em segundo lugar, com os combates constrangedores por meio de discursos, quando um único discurso encanta e persuade uma massa considerável, e quando é a arte que engendra sua redação e não a verdade que determina seu procedimento; terceiro, com os conflitos entre discursos filosóficos, onde também se mostra a rapidez do juízo, capaz de modificar, com facilidade, a confiança depositada na opinião.

Górgias reflete que um bom orador é capaz de convencer qualquer pessoa sobre qualquer coisa, sendo que divergências e inconsistências relativas ao conhecimento não se aplicam apenas a visões de mundo e construções de opiniões, a própria opinião de se desenvolve contra outra opinião, gerando debates, combates, intrigas e questionamentos

⁴ Desde sempre, as cidades gregas realizaram festas em honra dos seus antepassados, integradas no culto político e patriótico próprio de cada pólis. Os Gregos acreditavam reconciliar-se com os seus deuses nestas festas.



podem nos levar a considerar que não há nada que assegure a compreensão de que as coisas não sejam subjetivas.

Seu principal destaque foi a eloquência nos discursos em Assembleias causando enorme impacto nos atenienses “pela novidade de estilo”. Ainda para ele tudo poderia ser visto pelos dois lados da moeda como destacou Platão (apud Ribeiro, 2006, p. 23):

[...] é atribuída a Górgias a afirmação de que é possível defender e, a seguir, atacar com sucesso a mesma posição: “Górgias fez isso mesmo ao escrever o elogio e a condenação de cada assunto proposto, pois ele julgava ser da competência específica do orador a capacidade de enaltecer uma causa, louvando-a e, seguidamente, de a destruir, atribuindo-lhe defeitos” (Platão, Fedro 267a).

Neste ínterim trouxe uma forte contribuição para a retórica tal qual conhecemos em nossos dias atuais, pois além de criar um estilo novo ele conseguia de forma habilidosa construir e destruir argumentos apontados anteriormente direcionando que há sempre uma forma de argumentar e contra-argumentar. Neste sentido, a obra o “Elogio de Helena”, Górgias, teoriza que Helena foi subjugada por um poder maior do que o seu próprio querer, ou seja, há uma razão principal, a persuasão, a força do discurso que fez com que a mulher se deixasse raptar, e em sua defesa Helena manifesta uma exaltação ao poder de sedução da própria arte retórica, pois na palavra designado por ele de *Phármakon*, encontra-se uma droga e Helena torna-se inocente, pois caiu sob a influência do *lógos* a cujo fascínio é impossível resistir (Barilli, 1985, p.16).

Entre os sofistas, em especial Protágoras e Górgias, havia a convicção de que existir verdades relativas, uma percepção variada do pensamento, sendo que cada homem via a medida das coisas que existem ao seu redor. No texto *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, Nietzsche (2009, p. 537) salienta que os famosos ditos: “o homem é a medida de todas as coisas, das que são, quando são, e das que não são, quando não são”, e que “o ser não existe, se existisse não poderia ser conhecido, se conhecido não poderia ser comunicado” foram atribuídos a Protágoras e a Górgias, respectivamente. É importante destacar a assertiva de Carolina M. Torres (2018, p. 147), no texto: “Sobre a verdade e o engano: uma leitura do *Sofista* de Platão”:

O filósofo está sempre em risco de ser ingênuo ou de ser um sofista. A diferença entre eles não pode ser reconhecida em discursos particulares acerca de coisas ordinárias. Sobre o fato de que Teeteto, ao conversar como Estrangeiro de Eleia, estava sentado e não voando, filósofos e sofistas podem facilmente chegar ao mesmo julgamento. A diferença entre eles está no modo de compreender a linguagem, e, a partir dessa compreensão, em comprometer-se ou não com a busca pela verdade.



O pensamento sofista gera um relativismo por estabelecer as suas próprias leis com o objetivo de viver em sociedade. Protágoras e Górgias tinham as mesmas concepções, dentro do mesmo tipo de teoria, porém percorreram caminhos diferentes. Górgias chegou a conclusão de que mesmo sendo o *lógos* uma emanção da realidade, ele é diferente do objeto a que se refere, dessa forma, a linguagem não pode ser usada para falar das coisas como elas são de fato. Mas sim, são utilizadas como meio para alterar as opiniões das pessoas.

A LINGUAGEM EM SÓCRATES, ARISTÓTELES E PLATÃO

Sócrates é um filósofo muito citado até hoje, principalmente por reconhecer na ignorância a possibilidade do conhecimento. De fato, a consciência da impossibilidade de se apoderar da totalidade e completude do mundo, motiva ainda o avanço do conhecimento: se achássemos que sabíamos de tudo, jamais faríamos pesquisa científica, impondo assim uma ideia ambígua com “Só sei de nada sei”. Em “Posições contemporâneas da sofística”, Fernando Santoro (2018, p. 193) salienta:

A personalidade ambígua de Sócrates a modelar inúmeras razões para incrementar a controvérsia. No centro da questão, estão em causa alguns valores determinantes da cultura e da civilização ocidental, tais como a preponderância da essência e permanência sobre a aparência e o transitório, a valorização de uma verdade e um saber transcendente acima da finitude dos saberes humanos, a universalidade do conceito acima do relativismo da percepção, a educação pelo constrangimento da demonstração em lugar da persuasão e da sedução.

Ademais, não conhecemos muito sobre vida de Sócrates, pois infelizmente não deixou obra escrita para que pudéssemos acessá-las. Sócrates sobrestimava o discurso sobrepujando a escrita, o contato direto com seus interlocutores era sua preferência. Seus preceitos só foram divulgados por meio de seus discípulos que nos permitiram ter acesso ao seu legado. Suas ideias foram relatadas em livros de Platão, Aristóteles e Aristófanes. Fernando Santoro (2018, p. 196) acrescenta:

[...] a efetivação de uma desmistificação da figura paradigmática do filósofo em Sócrates, tal como foi modelada por Platão em contínuo contraponto aos sofistas. Resulta que, se o próprio Sócrates volta a ser visto como um tipo decadente ou um irônico, mais próximo de como foi retratado na comédia de Aristófanes, por exemplo, e segundo se fez opinião corrente entre seus concidadãos, então toda a filosofia da Atenas [...]

Sócrates era um nato inquisidor com suas inúmeras perguntas no intuito de que o homem tomasse autoconhecimento sobre suas inconsistências lógicas de raciocínio e nas



falhas de raciocínio ambos professor e aluno aprendiam. Isso foi uma fórmula de discurso que ficou popularmente conhecida como dialética socrática, que é utilizada como um dos melhores métodos de ensino já concebida. Luisa Buarque (2018, p. 174) destaca que: “[...] a dialética socrática responderá ao desejo dos filósofos de permanecer nas alturas com a proibição de satisfazê-lo: eles não terão o direito de ceder à tentação do retiro, pois foram educados naquela cidade justa e devem tudo a ela”. Sócrates concebia o homem como um composto de dois princípios, alma (ou espírito) e corpo. Suas ideias deram origem a duas vertentes da filosofia: A idealista, que partiu de Platão, seu seguidor, distinguindo o mundo concreto do mundo das ideias, e a realista dando a estas *status* de realidade. Em “Relativismo e ceticismo: argumentos comuns em favor da dúvida”, João Carlos Pereira da Silva (2018, p. 82-83) destaca:

Platão faz de Sócrates personagem principal da maioria de seus diálogos, e revela-se imprecisa a captação de um Sócrates histórico ao longo de sua obra. Entretanto, seja nos diálogos de juventude ou de maturidade e velhice, salta aos olhos na obra platônica um dos sistemas filosóficos mais dogmáticos já formulados e, portanto, de imediato, objeto de combate por parte da filosofia cética.

Sócrates também desenvolveu sua eloquência, esta considerada principal habilidade esperada para um político da época. Sócrates foi morto acusado de corromper a juventude ateniense e condenado a beber cicuta. Em “Os sofistas como pré-socráticos”, Luís Felipe Bellintani Ribeiro (2018, p. 13) revelar ser “Curioso é que sua peroração recomende para os que insistirem numa tal doutrina pré-socrático-sofística exatamente aquilo de que Sócrates, confundido com um sofista, foi vítima: pena de morte por corrupção da juventude e por adulteração da boa teologia”.

Na compreensão de Sócrates, os sofistas ignoravam o compreender, inclinándose para o manejo do discurso de tal forma que o interlocutor ficasse rapidamente convencido daquilo que o orador o queria persuadir, ou seja, o foco estava na adesão dos outros sobre suas ideias. Diferente dos postulados de Sócrates, designado de maiêutica, a retórica tem como premissa que o sujeito aceite as verdades postuladas por outros como suas verdades e no método socrático como popularmente ficou conhecida a maiêutica se propõe conduzir o interlocutor por meio de um conjunto de perguntas a redescobrir a verdade que existe nele, mas que esqueceu. De acordo com Russel (2001, p.62) “A eles Sócrates se refere desdenhosamente como os que fazem o raciocínio mais fraco parecer mais forte.”



Quando se fala de Platão, percebe-se que ele vivia em uma busca do conhecimento e da verdade, de uma base familiar considerável, teve acesso a uma boa educação e após conhecer Sócrates toma um novo rumo, pois ele se inspirou no grande professor e por sua busca pelo conhecimento e virtude. Platão foi responsável pela fundação da academia, considerada a primeira instituição superior do ocidente. Enquanto ensinava, Platão escrevia finalizou 35 diálogos, 13 cartas (epístolas). Luís Ribeiro (2018, p. 13) reflete que:

Os primeiros filósofos da história a fazer um esboço de história da filosofia, Platão e Aristóteles, já pressentiam tanto a unidade daquela mixórdia formada pelos hoje chamados preferencialmente *early greek philosophers*, quanto a imparidade da figura de Sócrates, que acabou por servir de divisor de águas para o canônico título em questão, proposto por Hermann Diels na passagem do século XIX para o XX.

Na visão de Platão, a realidade não está ao alcance daqueles que só confiam inteiramente no seu sentido ele explica que todo objeto com o qual podemos interagir ou ver dentro da nossa experiência de realidade é meramente uma representação da FORMA, por exemplo, conhecemos um tijolo quando o vemos mesmo que o tijolo seja um pouco diferente e são todos reflexo de algo essencial tijolo verdadeiro que é real o ideal de um tijolo. Platão argumentava que essas formas juntas as outras formas abstratas eram mais reais que as coisas que podíamos ver e tocar. Ideias universais como justiça, beleza, igualdade não são acessíveis através dos sentidos elas são compreendidas somente pela razão. Assim, a teoria da forma ou das ideias é o coração do platonismo.

A melhor expressão de Platão sobre visão humana se encontra na Alegoria da Caverna escrita na obra *República*. As palavras dessa parábola são ditas por Sócrates para Glauco, irmão de Platão, mas entende-se como do próprio Platão. Sócrates descreve para Glauco que um grupo de prisioneiros que viveram a vida inteira acorrentados dentro de uma caverna dispostos de tal maneira que só podem vê a parede de frente para eles atrás dele uma fogueira existe uma plataforma onde são exibidos objetos, os prisioneiros não veem os objetos, mas sim as sombras projetadas na parede da caverna. Isso reflete de que se nos basearmos somente nos nossos sentidos, seremos como os prisioneiros da caverna que não conseguem perceber a realidade atrás deles somente as pobres cópias do mundo real projetadas diante de seus olhos. O mundo real das ideias só pode ser percebido através da razão.

Sócrates e Platão se contrapõem as ideias sofistas primeiramente por seus princípios de busca pela virtude e pela verdade serem deixadas à parte por esse movimento, outro



ponto é o fato do discurso está centrado na persuasão e no convencimento, sobretudo seu maior repúdio se detia as práticas de cobrança de taxa pelo ensino de técnica que dentro da visão de Sócrates a rigor se fechavam para o conhecimento vendo o discurso como o um fim em si mesmo e não como o meio de intercambiar o saber como base primeira.

Aristóteles defende que pela experimentação temos acesso a essência dos objetos, e que a razão funciona com os dados advindos dos sentidos. Das muitas teorias aristotélicas, as quais abordam quase todas as áreas do saber de sua época, destacamos aqui a questão da linguagem. Para Aristóteles, a linguagem é tida como algo exclusivo da espécie humana e é por meio da fala no qual interage e produz linguagem. Para ele, somos um animal racional e social, que possui sentimentos sobre as qualidades morais, tendo a linguagem de forma inata, e dada para que o ser humano possa atingir sua excelência, lhe possibilitando ser político e cultural. A teoria da linguagem de Aristóteles, importante ressaltar, respondia as incongruências da concepção do uso da linguagem do movimento sofista.

Nesse sentido, em *Retórica*, Aristóteles se contrapõe veementemente a forma como os sofistas manejavam o discurso:

É preciso estar à altura de persuadir o contrário de nossa proposição, do mesmo modo que nos silogismos lógicos; não para nos entregarmos indiferentemente às duas operações – pois não se deve persuadir o que é imoral – mas para ver claro na questão e para estarmos habilitados a reduzir por nós mesmos ao nada a argumentação de um outro, sempre que este em seu discurso não respeite a justiça (Aristóteles, 1964, p. 20-21).

Apesar dos dissabores que esse movimento vem trazendo ao longo dos tempos é de extrema relevância destacarmos as contribuições que os sofistas concederam na história como precursores de vários segmentos que dispomos atualmente como a oratória, a retórica bem como da estruturação política em que estamos imbricados. É inegável que estes sujeitos compreendiam as forças intrínsecas que os discursos poderiam mover para manutenção de poder.

Vale ressaltar que nesse período os sofistas exerciam um trabalho semelhante aos que desenvolvem os professores atualmente. De acordo com Aranha e Martins (1993, p. 120):

Cabe aqui um reparo: na Grécia Antiga, apenas a aristocracia se ocupava com o trabalho intelectual, pois gozava do ócio, ou seja, da disponibilidade de tempo, já que o trabalho manual, de subsistência, era ocupação de escravos. Ora, os sofistas, geralmente pertencentes à classe média, fazem das aulas seu ofício, por não serem suficientemente ricos para se darem ao luxo de filosofarem.



Podemos considerar os sofistas como os primeiros professores nesse contexto histórico e que sofreram duras críticas e tiveram uma visão depreciativa por parte dos filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles, pois estes não julgavam adequados os mecanismos empregados pelos sofistas em seus discursos. As principais críticas que os filósofos teciam estavam ligadas a um conjunto de fatores, entre eles, as suas concepções relativistas, o distanciamento dos ideais filosóficos, o não comprometimento com a verdade, a negação da existência do conhecimento, a cobrança pelos ensinamentos, pois os seus ideais estavam direcionados a busca pelo sucesso independentemente dos artifícios que se fizessem necessários, por conseguinte, parafraseamos Danucci (2004, p. 10 -11) quando postula que os interesses dos sofistas prevaleciam em querer as vantagens da ciência, sem querer a verdade.

RETÓRICA: PODERIO NA LINGUAGEM

A retórica surgiu na Grécia Antiga, quando os sofistas ensinavam suas habilidades ao povo. Os pioneiros nessa arte foram Górgias e Protágoras, esses ensinamentos foram de grande valor social para os cidadãos atenienses. Por meio do conhecimento retórico, os cidadãos podiam participar de forma ativa e direta nas discussões que ocorriam no cotidiano do povo Grego. Para Mateus (2018, *apud* Quintiliano, 1994), a Retórica pode ser explicada como a arte de bem falar e demonstrar loquacidade e expressividade diante de um auditório com o objetivo de ganhar a adesão para a sua causa.

No que concerne ao caráter persuasivo do *lógos* e seu papel de condução da alma, o *Fedro* é abundante. Destaque-se o diálogo:

Sócrates: A retórica não é a arte de conduzir as almas por meio da palavra [...]? Nunca ouviste falar das artes oratórias de Nestor e de Odisseu, por eles compostas nos intervalos da campanha sob os muros de Troia? E de Palamedes, também nunca ouviste falar nada?

Fedro: Nunca, por Zeus, nem nas de Nestor, a menos que tenciones apresentar-nos Górgias como Nestor, ou um Trasímaco e um Teodoro como Odisseu. (Platão, 2011, 261b-c)

Ribeiro (2006, p. 17-18) afirma que a retórica, por outro lado, tem uma função social que visa incitar os cidadãos à ação política. Ela também tem o poder poético de criar ilusões, mas seu objetivo é fazer os ouvintes crerem que as coisas são diferentes do que são, de acordo com as intenções do orador. Sobre a linguagem, temos algumas observações: primeiro, Diodoro da Sicília afirma “a linguagem poética e figurada impressionou os oradores atenienses” (Diodoro da Sicília, XII, 53, 1ss.); segundo, em



Retórica, Aristóteles destaca: “os poetas, dizendo coisas banais, conseguiam, devido ao estilo, atingir a glória, o estilo primitivo era poético como o de Górgias [...] Górgias transpôs a expressão poética para os discursos políticos, não considerando que o retor fosse igual aos cidadãos privados”. (*Retórica* III, 1. 1404a24). Como se ver, Górgias não se distancia da tradição dos saberes transmitidos por meio do suporte acústico, ou seja, no seio de uma oralidade se exhibe uma fragilidade da permanência e força mediante o alto preço da palavra grafada, escrita. Segundo Gabriel M. Dias (2018, p. 102):

Em concordância com Eric Havelock e sua teoria da oralidade da Grécia antiga, a escrita produz a consciência letrada. A linguagem conceitualizada, a palavra escrita, não encontram a mesma receptividade da palavra cantada, falada: “Os primeiros albores desse processo devêm perceptíveis antes do fim do século V, na era dos primeiros sofistas”.

Em miúdos, a retórica se define como a capacidade que temos de transmitir uns aos outros, de forma bem estruturada e convincente, aquilo que pensamos levando o outro a alterar suas atitudes e comportamentos assentindo sobre determinado assunto.

Na Grécia, a Democracia se instaura, concomitantemente há o estabelecimento da retórica nos Espaços Públicos, nestes lugares os cidadãos buscavam provocar a adesão dos seus pares as suas ideias, por intermédio da persuasão. Ainda sobre a retórica, Mateus (2018, p.18) afirma: “É requerer o assentimento para transformar o modo de pensar sobre determinado assunto. Por isso, desde o passado até à contemporaneidade, verificamos a estreita ligação entre a democracia e a retórica”.

Com o desenvolvimento do campo da política e uma corrida de todos aqueles que almejavam assumir funções públicas, a retórica legitimou a manutenção de poder nas mãos de um extrato da sociedade, uma vez que se apropriou do discurso para levar aos demais cidadãos a assentirem ideias pessoais que estavam longe do quesito verdade, mas sim da verossimilhança e razoabilidade. Todo discurso ele traz consigo visões de mundo pertencentes a determinados grupos sociais, seja ele em defesa, reforço ou legitimando as ideologias a eles associados. Dessa forma, a retórica é vista e usada como instrumento de disseminação e monopolização de poder, uma vez que nem todos tinham acesso a esse tipo de ensino oferecido pelos sofistas. O poder era assegurado aqueles que bem utilizavam a linguagem, ou seja, nas mãos de um pequeno grupo social, o que de fato não representava os interesses da sociedade em geral, mas sim predileções de um grupo seletivo.

TENACIDADE SOFISTA



A linguagem é algo dinâmico em que o sujeito no uso da palavra à usufrui da forma que lhe apraz. Por trás de todo discurso há intenções com os quais no ato instintivo de comunicar almejam ser alcançados. Logo, as ideias de Sócrates, Platão e Aristóteles são memoráveis no sentido de buscar dentro do sujeito as verdades e virtudes que lhes seriam interiores. Mas me ocorre pensar que os sujeitos são facilmente voláteis e indecisos quando acionados. Para Gabriel M. Dias (2018, p. 107-108):

[...] desconstruir e negar o princípio da linguagem oral e escrita, a sabermos, o de estabelecer comunicação entre falante e ouvinte, entre escritor e leitor. Assim, por meio da linguagem comunicável até estes nossos instantes aqui, Górgias fora capaz de falar dos níveis de incompatibilidade entre as coisas do mundo real e o *ser* das mesmas.

A fala é impregnada pelas visões de mundo dos sujeitos que a partilham. Dessa forma, seria muita ingenuidade concebermos que o sujeito dentro de si mesmo haveria de abrigar a verdade e a virtude plena. Alice B. Haddad (2018, p. 33) salienta:

[...] em *República VIII* o surgimento da democracia coincide com uma cidade que se torna cheia de liberdade e *parrésia* (557b)! *Parrésia*, em grego, que Pereira prefere traduzir por “direito de falar”. O direito de fala, ou fala franca, é uma das marcas desse regime político, mas também um signo, segundo as *Leis* (671a), de embriaguez”.

Estamos incutidos no jogo de linguagem, onde os sujeitos podem manipular as pessoas como bem desejar de forma a atingir seus desejos mais profundos e assim percebemos nesse movimento sofista, uma contribuição significativa para construção da retórica bem como para área correlatas a ela como, direito, análise do discurso, pragmática e tantas outras. A genialidade dos pensadores estava em perceber que tudo que é dito parte de uma verdade pertencente aos sujeitos e estes estão certos, pois partem de concepções individuais das quais não podem ser questionadas e ao lançar mão dessas opiniões (verdades) podem munir-se de argumentos de modo a elevar determinado estado de “menos bom” para um “melhor”, onde o que está envolvido não é veracidade do dito, mas o estado performativo do dito que leva um conjunto de pessoas a acreditarem nisso e não naquilo.

Enfim, a contribuição da retórica que, durante séculos de apuração e refinamento, conseguiu ultrapassar conceitos fechados ao simples convencimento para se tornar um instrumento de poder que marcou gerações, e através dela atingiu sucesso na arte de convencer por meio das palavras e gerar produtos que só podem ser mensurados mediante exteriorização dos sujeitos, pois como bem coloca Rémi Brague (*apud* Barbara, 2005) elas têm de tudo, menos o ser. Trata-se, em todo caso, da maneira, ou do fato de que as



aparências, as opiniões são pura e simplesmente aparentes, dominantes e reinantes. Isso pode ser explicado de acordo com a tese de Protágoras, na concepção de André Ribeiro (2006, p. 27-28):

Isso porque as nossas opiniões são baseadas em nossas percepções que, por sua vez, são os efeitos resultantes das emanções dos objetos sobre nossos órgãos sensoriais; e, seja porque esses objetos têm propriedades opostas, seja porque os percebemos assim, já que eles estão em constante alteração, o fato é que a qualquer opinião é possível contrapor uma opinião oposta e todas as opiniões são verdadeiras, não existem opiniões falsas.

Em *Teeteto*, Protágoras considera que as palavras quando bem articuladas podem ser usadas como meio para alterar opiniões: não é possível perceber o que é dito com os fatos objetivos aos quais as palavras se refeririam, mas usá-las para afetar as emoções. O sofista defende que o poder da retórica serve para convencer as pessoas sobre qualquer assunto e alterar as opiniões apenas por meio do discurso. Em suma, qualquer opinião é possível contrapor uma opinião oposta e todas as opiniões são verdadeiras, não existem opiniões falsas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento sofista exerceu forte influência em Atenas e região, a retórica deixa um brilhante legado para todos que enxergam a linguagem como instrumento de poder, como uma entidade capaz de desenvolver e transformar a forma de pensar e até mesmo de agir das pessoas frente a uma problemática. É necessário destacar que a posição sofista possibilitou um olhar para a linguagem como a chave para intercambiar conhecimentos e verdades. Dessa forma, o pensamento sofista de Protágoras e Górgias estabelece um relativismo em relação ao objetivo de viver em sociedade. As concepções dos sofistas tinham o mesmo aspecto teórico, porém percorreram percepções diferentes. Górgias pensava que o *lógos* era a emanção da realidade, um objeto a que se refere, dessa forma, a linguagem não pode ser apenas usada para falar de coisas que são de fato, mas pode ser utilizada para alterar a opinião das pessoas. Protágoras e Górgias tinham a convicção de que havia verdades relativas, essa percepção do pensamento previa que o homem percebia as coisas ao seu redor de forma diferente.

Sócrates e Platão são os primeiros a se contraporem às ideias sofistas por busca pela virtude e pela verdade deixadas pelo movimento sofista, observavam que o discurso sofista estava centrado na persuasão e no convencimento, a maior crítica de Sócrates era em relação a cobrança de taxa pelo ensino. Já Aristóteles defendia a experimentação do



acesso a essência dos objetos, e que a razão funcionava por causa dos sentidos. Para ele, um animal racional e social possui sentimentos e qualidades morais, a linguagem se desenvolvia de forma inata e podia atingir a excelência pelas relações do homem como ser político e cultural. As teorias aristotélicas abordavam que as áreas do saber, o que se inclui a linguagem, eram exclusivas da espécie humana. Para Aristóteles, a linguagem, por meio da fala, faz o ser humano interagir e produzir comunicação. Percebeu-se, assim, que os filósofos gregos valorizavam a política e a compreendiam como parte inerente ao homem. Vimos que a política se definia como o ápice da realidade do indivíduo, do homem-livre, sendo que em Atenas, o governo estava organizado na democracia, que pela etimologia deriva o poder do povo. Assim, o homem-livre dedica a vida à polis.

Vimos que as ideias de Sócrates, Platão e Aristóteles apontam para o sentido de o sujeito buscar dentro de si verdades e virtudes e a linguagem faz o sujeito, no uso da palavra, usufruir da dinâmica da comunicação. Por fim, observa-se no pensamento filosófico que em todo discurso há intenções no ato instintivo de comunicar. É nesse sentido que buscamos apresentar uma breve tentativa de discutir a importância da arte retórica como ferramenta de poder e, como tal, um novo instrumento de controle político na forma como essa arte era exercida e promovida dentro do movimento sofista. As expressões apontam para uma expansão dessa forma de ensino, um jogo político intenso, pois a linguagem era exercida por pessoas que dominavam essa arte de convencer e levar milhares de pessoas a consentir por A ao invés de B. O que deixa evidente o poder exercido pela linguagem nas Assembleias que se defendiam interesses pessoais e não coletivos no mundo democrático.

É importante salientar que os sofistas viam que o discurso traz visões de mundo de determinados grupos sociais, seja ele em defesa, reforço ou legitimando as ideologias. Os sofistas analisavam que a retórica era usada como instrumento de poder, seja com vínculo de disseminação e monopolização. Assim, o poder se mantinha assegurado àqueles que sabiam utilizar a linguagem, ou seja, o poder ficava nas mãos de um grupo seletivo, uma vez que nem todos tinham acesso ao tipo de ensino oferecido pelos sofistas.

Dessa forma, acreditamos na necessidade de um constante movimento dialético no sentido de aprofundar as discussões no campo filosófico e esperamos que esse trabalho possa contribuir para uma visão sobre movimento sofista compreendendo como campo dinâmico e em movimento, carecendo de estudos mais aprofundados.



REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à filosofia**. Editora Moderna. 2 Edição. São Paulo -1993.
- ARISTÓTELES. **Arte poética. Arte retórica**. Trad. de Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difel, 1964.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Marcelo Silvano Madeira. São Paulo: Rideel, 2007.
- AZEVEDO, Cristiane A. de.; MORAES, Francisco. Prefácio In: HADDAD, Alice. (Org.) **Poder, persuasão e produção de verdade: a ação dos sofistas**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2018. p. 9-12.
- BUARQUE, Luisa. Astronomia, filosofia e Política segundo Platão. In: HADDAD, Alice. (Org.) **Poder, persuasão e produção de verdade: a ação dos sofistas**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2018. p. 163-178.
- CASSIN, Barbara. **O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica, literatura**. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DINUCCI, Aldo Lopes. Miscelânea Sofística. In: **Cadernos UFS**, Vol. 6, n 1, Fascículo 3. JanDez, 2004, p. 3-22.
- GUTHRIE, W. K. C. **Os Sofistas**. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995.
- DIAS, Gabriel Moraes. As intenções propositivas do *não-ser* de Górgias. In: HADDAD, Alice. (Org.) **Poder, persuasão e produção de verdade: a ação dos sofistas**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2018. p. 99-110.
- MATEUS, Samuel. Introdução à Retórica no Séc. XXI no Séc. XXI. Ed.LabCom.IFP. Coleção Livros de Comunicação. Covilhã, 2018. Acesso: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/201804271553-201807_introretorica_smateus.pdf> 10 Fev.2019.
- MORAES, Francisco. A verdade de Protágoras. In: HADDAD, Alice. (Org.) **Poder, persuasão e produção de verdade: a ação dos sofistas**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2018. p. 51-64.
- NIETZSCHE, Friedrich. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. In: MARÇAL, Jairo (Org.). **Antologia de Textos Filosóficos**. Curitiba: SEED, 2009. p. 530-541.
- OLIVEIRA, R. R. **Pólis e Nómos: o problema da lei no pensamento antigo**. São Paulo: Loyola, 2013.
- PLATÃO. *Fedro*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Edição bilíngue. Belém: EDUFPA, 2011.



RIBEIRO, André Antônio. **A filosofia da linguagem em Platão**. Tese de Doutorado. Orientador: Prof. Dr. Jayme Paviani. UFRS, 2006, capítulo 1, pp. 13-28

RIBEIRO, Adriano. A persuasão de Górgias: a persona platônica no palco ateniense. **Kléos**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 153-176, 2015. Disponível em: <<http://www.pragma.ifcs.ufrj.br/uploads/K19Adriano.pdf>>. Acesso em: jan. 2025.

RIBEIRO, Luís F. Bellintani. Os sofistas como pré-socráticos. In: HADDAD, Alice. (Org.) **Poder, persuasão e produção de verdade: a ação dos sofistas**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2018. p. 13-28.

RUSSELL, Bertrand. **História do pensamento ocidental**: a aventura das idéias dos pré-socráticos a Wittgenstein. 3. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

SANTORO, Fernando. Posições contemporâneas da sofística. In: HADDAD, Alice. (Org.) **Poder, persuasão e produção de verdade: a ação dos sofistas**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2018. p. 193-206.

SILVA, João Carlos Pereira da. Relativismo e ceticismo: argumentos comuns em favor da dúvida. In: HADDAD, Alice. (Org.) **Poder, persuasão e produção de verdade: a ação dos sofistas**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2018. p. 81-98.